

PRÁTICAS DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: GÊNEROS TEXTUAIS E TERTÚLIA DIALÓGICA

Cristiana Porto Soares¹
Silvânia Leles de Souza²

Resumo: Este artigo objetiva refletir práticas vivenciadas durante o estágio acadêmico tendo como foco a diversidade de gêneros textuais nas aulas de Língua Inglesa, no município de Boquira — Bahia contribuindo para a aprendizagem de uma nova língua bem como favorecendo o desenvolvimento dos comportamentos leitor/escritor em que o aluno utilizará na leitura e compreensão de textos seja na sua língua materna ou não. Também aborda sugestão de prática de leitura a Tertúlia Literária Dialógica e como referencial teórico: Marcuschi e Dionísio que discorre sobre a importância do trabalho com os gêneros discursivos no ensino de Língua e que tal prática proporciona aos alunos reconhecer e, produzir textos que circulem frequentemente na sua vida social, pois, além do conhecimento de regras gramaticais, é necessário conhecer a funcionalidade do texto, bem como saber emprega-lo quando for confrontado por situações reais comunicativas.

Palavras-Chave: Leitura. Gêneros textuais. Língua Inglesa. Tertúlia.

¹ Graduada em Letras Língua Inglesa e Respektivas Literaturas pela Universidade do estado da Bahia (UNEB), modalidade PARFOR. Endereço eletrônico: cporto-soares1@gmail.com.

² Graduada em Letras Língua Inglesa e Respektivas Literaturas pela Universidade do estado da Bahia (UNEB), modalidade PARFOR. Endereço eletrônico: silvania.leles@hotmail.com.

READING PRACTICES IN ENGLISH LANGUAGE CLASSES: TEXTUAL GENRE AND DIALOGUE TERTULIA

Abstract: This article aims to reflect practices experienced during the academic internship focusing on the diversity of textual genres in English language classes, in the municipality of Boquira — Bahia contributing to the learning of a new language as well as favoring the development of reader/writer behaviors in which the student will use in reading and understanding texts whether in their mother tongue or not. It also addresses the suggestion of reading practice the Dialogical Literary Tertulia and as a theoretical reference: Marcuschi and Dionysus who discuss the importance of working with the discursive genres in language teaching and that such practice allows students to recognize and produce texts that circulate frequently in their social life, because, in addition to the knowledge of grammatical rules, it is necessary to know the functionality of the text, as well as to know how to use it when confronted by real communicative situations. *Keywords:* Reading, Textual genres, English language, Tertulia.

Keywords: Reading. Textual genres. English language. Tertulia.

Introdução

O presente trabalho apresenta experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado de Língua Inglesa e as práticas docentes aplicadas em sala de aula nas escolas da Rede Municipal de Boquira-Bahia. E foi refletindo sobre a nossa prática enquanto alunas do PARFOR do curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, e professoras de Língua Inglesa em processo de formação em serviço, que nos questionamos como o ensino de LE (Língua Estrangeira) vem

acontecendo nas nossas escolas. Em meio às discussões, estudos bibliográficos, observações e reflexão da nossa prática, começamos a fazer da nossa sala de aula um laboratório para colocar em prática aquilo que acreditamos ser o ideal para que aconteça um ensino de língua, no qual seja evidenciada em seu contexto de uso através da inserção da diversidade de gêneros textuais.

Esse trabalho traz uma breve revisão bibliográfica sobre o uso dos gêneros textuais no ensino de Língua Inglesa, ressaltando que o trabalho com o texto considerando a sua diversidade de gêneros proporciona ao aluno desenvolver competências leitoras essenciais para o seu desenvolvimento como cidadão crítico e atuante na sociedade. Ressaltamos também nesse capítulo que o texto não pode ser usado meramente como pretexto para o ensino de conteúdos gramaticais, o trabalho com o texto é essencial, porém devemos estar atentos às metodologias utilizadas para que não desviemos dos propósitos principais de leitura que favoreça a formação leitura do aluno.

As experiências de estágios foram relatadas gradualmente, ou seja, na sequência que aconteceu o estágio, sendo que os relatos seguem com a reflexão da prática. Como prática de leitura demonstramos também uma experiência com a Tertúlia Literária Dialógica no ensino de línguas, como uma oportunidade de inserir em sala de aula a leitura de clássicos utilizando uma metodologia bastante reflexiva que vai além do que está escrito.

Formar alunos leitores e escritores deve ser prioridade na escola e principalmente nas aulas de língua, esse conceito sempre foi altamente discutido em nossa formação. E acreditando que a leitura de uma variedade de textos possa contribuir para desenvolver competências leitoras e escritoras dos alunos. E assim, buscamos confrontar essa teoria com a prática em sala de aula através da aplicação de sequências didá-

ticas e metodologias que privilegie momentos de leitura, pois acreditamos que o texto seja o principal instrumento a ser utilizado pelo professor.

Os gêneros textuais no ensino de língua inglesa

O ensino de Língua Inglesa ainda está distante do que acreditamos ser o ideal para o desenvolvimento e formação discente. As dificuldades existem e não são poucas, podendo citar a falta de valorização de alguns gestores municipais que excluem a disciplina do currículo nas séries iniciais do ensino fundamental, fator que dificulta o trabalho do professor. Além disso, não investem na formação dos professores que chegam despreparados nas salas de aula, adotando metodologias como a "*Grammar Translation*", estudo de vocabulários isolados desprivilegiando as práticas de leitura necessárias para uma aprendizagem significativa de uma segunda língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira (1998, p. 54) ressaltam:

No entanto, ao se entender a linguagem como prática social, como possibilidade de compreender e expressar opiniões, valores, sentimentos, informações, oralmente e por escrito, o estudo repetitivo de palavras e estruturas apenas resultará no desinteresse do aluno em relação à língua, principalmente porque, sem a oportunidade de arriscar-se a interpretá-la e a utilizá-la em suas funções de comunicação, acabará não vendo sentido em aprendê-la.

Nessa perspectiva, fica mais evidente a importância do trabalho com leitura e escrita nas aulas de Língua Inglesa, pois oportuniza ao aluno desenvolver habilidades de leitura em sua língua materna e na língua estrangeira. As práticas de leitura são primordiais para o discente adquirir conhecimento

necessário para o desenvolvimento de atitudes e valores que possibilitem a formação de um cidadão mais preparado para atuar na sociedade.

É importante destacar que é necessário uma apresentação adequada dos estudos desses textos em sala de aula, o tratamento inadequado desse objeto de estudo pode ser desastroso se utilizado apenas como pretexto para o ensino da gramática. Uma abordagem hoje recomendada por vários teóricos e documentos oficiais é o trabalho com a diversidade de gêneros discursivos. “A utilização em sala de aula de tipos de textos diferentes, além de contribuir para o aumento do conhecimento intertextual do aluno, pode mostrar claramente que os textos são usados para propósitos diferentes na sociedade” (BRASIL, 1998 p. 44).

O trabalho com texto explorando a diversidade de gêneros textuais é imprescindível e apesar do aluno está exposto a esses textos em seu dia a dia, é função da escola prepará-los para conhecer o contexto adequado de uso de cada um. Dessa forma, as atividades trabalhadas com os educandos estarão relacionadas com a leitura, escrita e as práticas sociais. Pinto (2010 apud DIONÍSIO, 2010 p. 54) corrobora:

À medida que passam a conhecer e a fazer uso dos vários gêneros textuais discursivos, os alunos aprendem a controlar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto. É necessário também que se conscientizem de como a linguagem funciona para transmitir o conteúdo oralmente ou por escrito. Devem, portanto, aprender a organizar os diferentes tipos de conhecimentos e de informações de acordo com a situação comunicativa específica.

O ensino de Língua Inglesa nas escolas deve levar em conta não só a língua enquanto sistema, mas também a linguagem em situações de comunicação verbal. E para tal é

necessário explorar a diversidade textual trabalhando com a leitura e escrita como uma estratégia didática, assim, podendo formar bons escritores e leitores. Apresentar aos alunos a linguagem em suas situações de comunicação verbal, o que parece ser bastante coerente, uma vez que somente dessa forma é que se pode inserir o discente enquanto sujeito em práticas sociais de uso da escrita e oralidade, é o que sugerem os *PCN*. Assim, entende-se que formaremos alunos que vão além de decodificar letras e palavras, mas que sejam letrados e capazes de construir de forma mais profunda juízos valorativos acerca da sociedade, de suas comunidades de sua cultura e também a do outro com o auxílio da linguagem.

Segundo Marcuschi (2008, p. 154), “[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Portanto, pode se observar a necessidade de trabalhar com texto dentro de uma perspectiva que explore os gêneros textuais, pois o ensino de língua que preze pelo processo comunicativo, concebe toda atividade humana como sendo conduzida pelo uso da linguagem, assim tendo os gêneros como instrumentos de mediação de nossas ações comunicativas.

Estamos cercados por uma diversidade de gêneros textuais que são incalculáveis, e a todo o momento fazemos uso dos mesmos seja oral ou escrito. Esse fato não pode ser desprezado pela escola, principalmente nas aulas de língua, vez que o principal instrumento de trabalho do professor é o texto. Pois os gêneros moldam a nossa fala, quando ouvimos o outro falar logo é percebido o gênero. O processo de comunicação seria quase impossível se não obtivermos o domínio dos mesmos e se fosse necessário à sua criação no momento da fala.

Refletindo a prática pedagógica: leitura de gêneros textuais

O estágio é uma exigência e uma prática necessária para a formação de todo e qualquer curso acadêmico, uma vez que norteia uma decisão referente ao futuro profissional que o estudante deseja seguir, pois o estágio oportuniza vivenciar práticas que enriquece o aprendizado teórico adquiridos nos bancos acadêmicos.

Agora imagine a relevância que o estágio ocupa na vida dos professores que cursam uma licenciatura, uma vez que já traz uma prática estabelecida, que sabe o quão é necessário o ato da reflexão diante do seu plano de trabalho, sabendo que as práticas pedagógicas precisam ser inovadas diante do público alvo de seu trabalho que está em constante transformação, e como o estágio pode acarretar uma melhora tanto no amadurecimento do professor/ aluno como também em sua sala, e a instituição em que ele trabalha.

Observando as práticas realizadas no primeiro estágio supervisionado de Licenciatura de Língua Inglesa surgiu o desejo de ir além da reflexão realizada para o relatório, por este motivo aos demais estágios teve a intencionalidade de explorar diversos gêneros textuais na aula de Língua Inglesa utilizando estratégias de leitura instrumental e trabalhando a produção textual, buscando assim atrelar a aprendizagem de uma nova língua ao desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores que podem ser utilizados na leitura e compreensão de textos de sua língua materna.

Para a realização do estágio foram planejados projetos de intervenção e sequências didáticas para serem aplicados na Rede de Ensino do Município de Boquira-Bahia partindo sempre das necessidades observadas nas turmas. No primeiro estágio Ensino Fundamental I (FI) com o tema: "Estudando o Inglês através de uma abordagem interdisciplinar focado na

importância de uma alimentação saudável” para alunos de 9 e 10 anos. Teve como objetivo favorecer a aprendizagem de Língua Inglesa através de atividades lúdicas promovendo a reflexão sobre a alimentação saudável. Como explanado anteriormente o foco em si, não estava ligado aos gêneros textuais e sim explorar a língua estrangeira através de uma abordagem interdisciplinar, desmistificando assim a ideia de que os conteúdos selecionados em um currículo são pertinentes apenas a cada disciplina. De acordo com Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira, o aprendizado de idiomas estrangeiros deve propiciar que o aluno perceba as possibilidades de ampliação de suas interações com os outros. A aproximação conteúdo e contexto possibilitam ao discente uma aprendizagem significativa, resultando no enriquecimento da sua formação enquanto ser social e desenvolvimento do seu senso crítico.

Assim sendo, a proposta interdisciplinar na disciplina supracitada integra conhecimentos que rompem barreiras existentes da disciplina em questão. É válido ser dito que, vários gêneros foram ganhando destaque na sequência tanto em relação à leitura quanto à escrita como: receita de bolo, lista de compra, rótulos de embalagens, cardápio, entre outros, porém não tão intrínsecos quantos estes ao se falar de alimentação. Pode se aproveitar da ocasião, para dizer que existem determinados assuntos que se aproximam mais de determinados gêneros textuais. Exemplo amor combina com música, poema, já com bula de remédio, é um pouco estanho, perderia sua funcionalidade, no entanto não seria impossível.

Enfim, o primeiro estágio priorizou a interdisciplinaridade, de forma a contemplar uma aprendizagem significativa foi apresentada algo novo para os alunos que era a Língua diferente, partido de algo necessário que era uma alimentação saudável e, para fundamentar este estágio alguns auto-

res contribuíram para o enriquecimento teórico: Heloísa Lück em Pedagogia interdisciplinar defende a interdisciplinaridade como meio para uma aquisição do conhecimento mais significativo e Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira que traz contribuição dos benefícios de atrelar um novo idioma a algo mais próximo da realidade do aluno.

Algumas práticas pensando em explorar a leitura de diferentes gêneros foram elaboradas nos estágios seguintes visando oportunizar ao aluno uma formação leitora crítica, reflexiva e atuante para isto, algumas técnicas de leitura baseada em Solé (1998), Lerner (2002), Holden (2009) e técnicas de leitura instrumental “*prediction, scanning e skimming*” foram utilizadas de forma dinâmica e com foco na LI foi apresentado e trabalhado uma cartela bem diversificada de gêneros textuais, conforme o público alvo. Sendo assim, um trabalho voltado para técnicas de leitura poderia facilitar a leitura e compreensão de textos de diversos gêneros.

As atividades pedagógicas partiram sempre de temas que pudessem ser do interesse e necessidade dos alunos: No Estágio II, foi trabalhado *Bullying* a fim de refletirem sobre como lidar/evitar/superar/excluir o “*Bullying*”, devido observar uma seleção “preconceituosa” com a turma até mesmo por parte da escola e também para melhorar a autoestima dos alunos, pois era um fator que influenciava no desempenho escolar e social. No Estágio III, o tema foi voltado para educação do campo “*The place where I live*”, partindo da valorização de sua comunidade e reflexão sobre a sua identidade. Segundo Freire (2002) e Lajolo (2001), o ato de aprender deve estar atrelado com a realidade do aluno, proporcionando assim, maior significado para que ele aja criticamente no meio que se vive e, para o Estágio IV, foi elaborada seis sequências para trabalhar assuntos referente ao ENEM facilitar a compreensão da leitura não somente para o momento do ENEM (que precisa de certa agilidade devido o tempo do

exame), mas também, para outros momentos acadêmicos ou não.

Cada gênero tem características diferentes por esse motivo, às estratégias de leitura apresentadas nas aulas se modificavam para atender a necessidade do gênero, pois cada texto e estilo apresentam seu objetivo e sua compreensão e precisamos saber distingui-los. De acordo Cafiero (2005, p. 47):

No âmbito escolar, há pouca ou nenhuma ação no sentido de desenvolver estratégias a serem realizadas antes, durante e depois do processamento de informações, com vistas a promover compreensão. Às vezes, não há orientação diferenciada na leitura dos vários gêneros de textos que circulam na sociedade. Os textos parecem ser lidos sempre da mesma forma, o que normalmente gera problemas na compreensão.

A antecipação da leitura como, o próprio termo denota, antecede a leitura, no entanto é necessário dizer que esse procedimento pode acontecer a qualquer hora no texto, sempre que for acrescentada uma informação. E como foi apresentada na sequência uma diversidade textual, mesmo que alguns textos tinham o mesmo tema, os objetivos eram diferentes e a função social da escrita também variava. Então os alunos poderiam utilizar seus conhecimentos prévios acerca do assunto e gênero, levantar hipóteses. Para motivá-los sempre começávamos pelo título e depois explorando as palavras que já conhece o formato do texto, as imagens e até mesmo o autor do texto (são pistas essenciais para montar um esboço de possíveis respostas interpretativas).

Os procedimentos para durante a leitura são de suma importância para a compreensão de um texto, para isso fizemos a inferência de vocábulos desconhecidos de diversas

formas: pelo próprio grupo, por intermédio das professoras e até mesmo por meio de pesquisa aos dicionários físicos e digitais, questionando se entende a intenção do autor, como o texto está organizado e qual o estilo o mesmo está usando.

Oportunizar aos alunos durante este processo comprovar, ou não, as hipóteses levantadas ao mesmo tempo em que eles revisam e refletem sobre o que compreende da leitura, em alguns momentos foi solicitado que fizesse a leitura com objetivo específico: ler para localizar uma informação, usar das pausas protocoladas que é quando você pausa para “atribuir sentidos ao que lê, fazer suposições e deduções que serão checadas durante a leitura” (ESPI; ESTER, 2011, p. 67).

E para o processo de pós-leitura discussão a respeito do que foi lido e também comprovação de suas indagações antes e durante a leitura. Durante todo esse processo é levado em conta a criticidade do aluno, de nada adianta se o mesmo, não for estimulado a refletir sobre o que é lido, ensinado, o que vem além dos textos. “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou na linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2005, p. 11).

A prática pedagógica apoiada em diferentes gêneros textuais é essencial, mas deve ser priorizada como uma atividade que busque a construção de sentidos, na compreensão dos objetivos de linguagem presentes nos diversos gêneros textuais, orientando para uma leitura crítica. Koch e Elias (2018, p. 122) reforçam que, “[...] somente quando dominarem os gêneros mais correntes da vida cotidiana, nossos alunos serão capazes de perceber o jogo que frequentemente se faz por meio de manobras discursivas que pressupõem esse domínio”.

O trabalho com a diversidade textual nas aulas de língua inglesa é essencial, desde que vá além da reprodução de

modelos, e sim que estimule o aluno a realizar uma análise crítica buscando compreender os efeitos de sentido causados pelo uso de um gênero discursivo em detrimento de outro, em cada contexto específico.

Práticas de leitura por meio de um processo dialógico e igualitário: tertúlia literária dialógica

As dificuldades encontradas durante o processo de ensino aprendizagem são inúmeras, dentre elas, encontrar práticas que alcancem êxito na vida acadêmica do aluno. A busca por práticas que procurem superar o contexto educacional atualmente vivido nas escolas públicas necessita ser constante, abandonar essa busca é deixar o fazer pedagógico alheio à própria sorte e conseqüentemente a aprendizagem dos conhecimentos escolares estacionados.

Em 1990, o Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, procurando mudar a realidade das escolas, (pois as mesmas não estavam atendendo as reais necessidades educacionais dos alunos), buscou por práticas que tivessem como base “conhecimento acumulado pela comunidade científica internacional acerca das atuações educativas que asseguram o êxito dos alunos.” (COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM³). E assim surge As Comunidades de Aprendizagem nas escolas atendendo a educação básica em diversos países inclusive no Brasil. Apresenta uma proposta de aprendizagem dialógica com foco na leitura e escrita, a qual envolve toda a comunidade escolar. “Tal proposta educativa parte da concepção de que a interculturalidade é o grande pano de fundo da aprendizagem, a qual está alicerçada na relação

³ Este caderno é uma adaptação feita a partir do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.

entre os sujeitos, permeada pela concepção dialógica de Freire (1994)” (MARIGO et al., 2010, p. 75).

A aprendizagem dialógica tem como princípios o diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferenças. Como argumentam Flecha (1997 apud FLECHA; MELLO, 2005, p. 2):

1. Diálogo igualitário: em uma Tertúlia são respeitadas todas as falas igualmente; nenhuma pessoa pode impor a sua ideia as demais. O pressuposto é de que o encontro se dá entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Assim, as diferentes manifestações são consideradas em função da validade dos argumentos e não da posição de poder de uns sobre outros;

2. Inteligência cultural: ao longo de nossa vida, aprendemos muitas coisas e de maneiras muito diversas. Assim, todas as pessoas têm as mesmas capacidades para participar num diálogo igualitário. Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas inserções e interações;

3. Transformação: a aprendizagem através do diálogo permite viver transformações pessoais quanto à auto-imagem e quanto à maneira de se pôr no mundo, produzindo transformações nas relações estabelecidas no entorno imediato e podendo chegar a implicações mais amplas;

4. Aprendizagem instrumental: o acesso a um conhecimento sistematizado em conteúdos e habilidades acadêmicos não é desprezado; “o dialógico não se opõe ao instrumental, mas sim à colonização tecnocrática da aprendizagem” (p. 33);

5. Criação de sentido: a aprendizagem dialógica está baseada na construção de significados pelas pessoas em interações com seus iguais: educadores/ as, familiares, participantes, vizinhos, etc. É a possibilidade de sonhar e agir, dando sentido à própria existência;

6. Solidariedade: encontra-se na gratuidade da atividade e no apoio a pessoas que têm vergonha de expor suas ideias. Destas relações de respeito, vão nascendo ações de solidariedade nos encontros e na comunidade mais ampla;

7. Igualdade de diferenças: “o mesmo direito de cada pessoa de viver de forma diferente” (p. 42). As pessoas têm garantido o igual direito a expor suas idéias e argumentar, não se pretendendo uma homogeneização de opiniões e pontos de vista, mas o conhecimento de diferentes perspectivas e a potencialização de processos reflexivos.

Nesse processo de aprendizagem dialógica, a Tertúlia Literária Dialógica se destaca nas aulas de línguas promovendo espaço para atividades culturais e educativas através da leitura de Clássicos da Literatura Universal. Aguçar a criticidade do aluno é papel da escola, e o professor é o principal agente nesse processo, pois é na sala de aula que ocorre às práticas que possibilitam desenvolver tal habilidade, no caso do professor de línguas, através das práticas leitoras. Essas práticas por meio dos textos literários podem ser uma rica fonte de reflexão em torno de temas relacionados à vida em sociedade, podendo levar em consideração também que oportuniza o desenvolvimento da oralidade e escrita, pois o aluno estará em contato com as variadas estruturas que compõem a língua.

O trabalho com leitura através da Tertúlia Literária Dialógica oportuniza expandir barreiras da desigualdade, é um momento que o aluno da escola pública, que em sua grande maioria não tem oportunidade de ler Clássicos Universais, irá ler e discutir com igualdade de condições. A leitura dialógica segundo Soler (2001, *apud* COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM 2013, p. 5):

[...] é uma nova forma de entender a leitura na qual os textos são interpretados entre todos, sejam leitores habituais ou não. As primeiras experiências,

emoções ou sentidos gerados a partir da leitura passam a ser objeto de diálogo e reflexão conjunta, com foco não só no significado do texto. A experiência individual de ler torna-se uma experiência intersubjetiva, e a incorporação das diferentes vozes, experiências e culturas gera uma compreensão que ultrapassa aquela a que se pode chegar individualmente.

A leitura sendo utilizada como objeto de diálogo e reflexão, no qual se prioriza a igualdade de oportunidade para argumentar, e com isso o aluno amplia seu vocabulário, aprende a se expressar e posicionar-se criticamente diante do argumento do outro. A compreensão leitora é fortemente favorecida, pois é uma atividade de leitura que não é solitária e sim conjunta, que todos podem contribuir para uma melhor compreensão do texto, como é defendido por Flecha (1997, p. 50, apud COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM, 2013, p. 5) “A leitura não vem da autoridade do professor ou do currículo, mas sim de sentimentos humanos muito intensos. Não era para ser individualmente estudada, mas, sim, coletivamente compartilhada”.

As buscas por práticas leitoras que desperte no aluno o interesse pela leitura e conseqüentemente contribuam para o desenvolvimento de competências leitoras vem sendo buscado por todos que almejam uma educação de qualidade, sendo assim, não poderíamos deixar de experienciar essa proposta de aprendizagem dialógica que promove o acesso à leitura e escrita buscando combater a desigualdade, permitindo o acesso à leitura e escrita em um ambiente em que todos falam do mesmo lugar. Assim sendo, será relatado abaixo a experiência vivida com a Tertúlia Literária Dialógica nas aulas de Língua do Ensino Fundamenta II.

Tertúlia literária dialógica nas aulas de línguas

O processo de formação continuada é altamente relevante para que o professor aprimore seus conhecimentos, e conseqüentemente consiga alcançar avanços com a aprendizagem dos alunos e em seu constante processo de aprendizagem enquanto docente, pois como sugere Freire (1996), somos seres inacabados propensos ao erro com novas lições a serem aprendidas. E nessa perspectiva a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Boquira-Bahia, através do Projeto Chapada, ofertava formação continuada para os professores da rede, foi nesse momento que conhecemos as Comunidades de Aprendizagem e a aprendizagem dialógica. Jordão (2007, p. 43), salienta que:

Um processo de trocas de negociação, de conflitos e de aprendizagem para todos os envolvidos: não apenas para os professores “em formação”, mas também para seus “formadores” e seus alunos. Um processo de questionamento constante, sempre aberto para aprender com perspectivas múltiplas, confrontadas em espaços abertos, construídas nas maneiras diferentes de fazer sentido e nos sentidos diferentemente constituídos.

Nas formações é perceptível à inquietação dos docentes em relação à aprendizagem dos alunos, e uma das maiores reclamações, é o fato dos mesmos não gostarem de ler, então a proposta de leitura dialógica parecia bastante interessante e convidativa. A aprendizagem dialógica, leitura dialógica e tertúlia literária dialógica apresentam uma proposta que enche os olhos de qualquer professor, pois começa pelo fato da inserção da leitura de clássicos, com uma metodologia que possibilita incluir até os alunos com dificuldade de leitura, e ainda dentro de um processo dialógico, no qual todos têm a oportunidade de expor seus diferentes pontos de

vista em relação à obra, utilizando seu conhecimento de mundo. Freire (1989, p. 9) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Uma vez que, a leitura não é simplesmente a decodificação de códigos e sim a proficiente que vai além, que se relaciona com outras leituras, constrói significados e dá agilidade ao leitor de fazer uma análise crítica da leitura apresentada. A tertúlia também oportuniza a exploração dessas diversas leituras por meio de um único texto e da interação dos participantes.

As tertúlias foram iniciadas com os professores durante as formações, essa vivência foi muito importante, pois se tornou perceptível a possibilidade de levar para a sala de aula uma forma diferente de leitura, diferente de todas já participadas ou realizadas. Todo começo é difícil, mas foi durante a prática que as dificuldades foram superadas, e durante as formações, através da troca de conhecimento com colegas e formadores a prática foi aprimorando. A recepção na sala de aula, logo de início causou estranhamento, mas isso era esperado, pois são poucos os alunos que gostam de ler, e quando vão ler um livro olham logo a quantidade de páginas, vivemos em uma era na qual os alunos optam por leituras rápidas buscando internet resumos e filmes acerca do livro. Não que sejam práticas inviáveis ou que sejamos contra, mas as mesmas não devem substituir a leitura do livro, pois tais leituras serão necessárias para o seu desenvolvimento como leitor e estudante.

As primeiras tertúlias realizadas foram com o livro *Metamorfose* de Kafka e com os contos de Machado de Assis, (de maneira não tão ideal, pois, o certo era que os alunos tivessem os livros em mãos). Inicialmente foi enviada as cópias impressas para casa, para que todos pudessem ler e marcarem os parágrafos que gostariam de comentar, essa leitura prévia é essencial para se preparar para a tertúlia, no começo os comentários eram tímidos, mas, aos poucos, fo-

ram se soltando e iniciou-se o processo da escolha do livro a ser lido nas próximas tertúlias, para isto, foi considerado faixa etária do público-alvo, pois, existe uma lista de obras e os escritores que podem ser trabalhados em determinadas séries que é disponibilizada no site da Comunidade de Aprendizagem.

Com alguns meses os alunos já estavam atuando como moderadores das sessões que aconteciam semanalmente. A prática que causou estranhamento se tornou corriqueira e era perceptível o engajamento dos alunos, infelizmente nem todos, pois conseguir que cem por cento da turma participem ativamente é algo muito difícil. O almejado estava aos poucos sendo alcançado, pois na educação os resultados não são instantâneos e sim paulatinos. As experiências foram diversas com vários clássicos da literatura, as turmas faziam rodízios dos livros.

As experiências que serão relatadas a seguir foram realizadas, uma na turma do 6º ano com o livro “Alice no país das maravilhas” e a outra na turma do 7º ano com o livro “As Aventuras de Tom Sawyer”. Abaixo estão as sínteses produzidas durante a tertúlia a partir dos comentários dos alunos.

Quando a gente lê, a gente sai do mundo real para o mundo da imaginação. Tem pessoas que julgam o livro pela capa também não podemos julgar o livro pelo título.

O livro é uma aventura, quando a gente começa a ler, parece que estamos dentro do livro. É uma aventura tipo, um sonho.

Não é muito legal a gente ler um livro sem gravuras. Elas nos ajudam a imaginar essa fantasia. O mundo é grande quando somos pequenos, quando conhecemos o lugar da vontade de explorar o lugar e quando não podemos ir a gente explora através da imaginação. Quando somos crianças muitas vezes não entendemos os adultos e os adultos não nos entendem. Tem pais que matam os seus filhos por não suportar uma separação.

Eu gostava de ler livros, aí eu pedi para minha mãe comprar um gibi.

Que tipo de gente mora aqui? Eu perguntei isso a minha mãe. Eu gosto muito de brincar e adivinhar as coisas. Quando eu era pequeno, eu tomei algo que eu não sabia o que era. Eu morava em São Paulo, quando cheguei aqui, eu perdi a vergonha e fiz muitas amizades.

A gente anda crescendo muito rápido, a minha prima da crescendo depressa.

Não ter nada para fazer é chato. Quando eu leio um livro eu não consigo parar de ler.

Figura 1: Síntese das falas dos participantes da Tertúlia Literária Alice no país das maravilhas.

Quando uma criança é adotada ela precisa de amor e ser educado. É preciso ser rígido com o órfão, porém com limites para não afetar o seu emocional. Quando uma criança perde os pais quem os adota deve ser rígido na educação e também dá carinho, como todo pai deve ser.

Às vezes o trabalho de casa é chato, mas pode ser divertido depende de nós. Podemos transformar coisas ruins em coisas boas, pois o que parece ser ruim pode ser para o nosso bem. Mesmo tendo que fazer coisas que achamos chatas temos que aproveitar todos os momentos da vida. Eu ouço música para limpar a casa, assim fica mais divertido. Não podemos reclamar de fazer as obrigações, porque tem pessoas que não tem essa oportunidade.

Eu não queria ir para a escola. Não faço as tarefas, gosto do sábado porque posso brincar. Quando eu era pequena minha irmã fugiu e eu fiquei preocupada, todos a procuraram. Mesmo com a rigidez ela não aprende, é desobediente. O irmão mais velho sempre leva a culpa.

Quando estamos a fim de alguém tentamos impressionar a pessoa e muitas vezes não somos correspondidos. Alguns pré-adolescentes já pensam em namoro, enquanto outros aproveitam a infância. Agir por impulso não é bom devemos procurar forças, nunca desistir e sempre persista. Sempre precisamos do apoio de outras pessoas, juntos somos mais fortes.

Figura 2: Síntese das falas dos participantes da Tertúlia Literária As Aventuras de Tom Sawyer primeiro capítulo

Os alunos destas turmas em sua grande maioria gostam de ler, e os professores anteriores já haviam inserido o trabalho com a tertúlia em sala de aula. Com a turma do 6º ano a tertúlia foi realizada com o livro em português, já com a do 7º foi feita com o livro bilíngue, no momento da partilha os alunos liam em inglês e faziam os comentários em português, a experiência foi bem válida e houve uma boa participação mesmo tímidos com medo de pronunciar errado.

Pode-se observar através dos comentários que esse processo de leitura vai além do que está escrito, é altamente intersubjetivo, Flecha, Soler e Valls (2008 *apud* GIROTTO, 2011, p. 72) corrobora:

A leitura dialógica é o processo intersubjetivo de ler e compreender um texto sobre o que as pessoas aprofundam em suas interpretações, refletem criticamente sobre o mesmo e o contexto, e intensificam sua compreensão leitora através da interação com outros agentes, abrindo assim possibilidades de transformação como pessoa leitora e como pessoa no mundo.

Sendo assim, através da leitura dialógica o processo de ensino aprendizagem nas aulas de língua é favorecido levando, pois segundo Freire (1989), todo e qualquer cidadão ao chegar à escola traz consigo uma “leitura de mundo” do seu mundo particular que antecede a “leitura da palavra” e esta vai fazer com que a “leitura do mundo” aumente cada vez mais. Portanto, é imprescindível que o professor saiba explorar esta a “leitura do mundo” e a partir desta, instruir na aprendizagem científica para que, conseqüentemente o aluno possa descobrir e conhecer outros “mundos”. Para tanto é necessário que este tenha um mediador que o oriente neste processo. Afinal de contas “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive” (LAJOLO, 2001, p. 7). E os educadores têm essa missão de valorizar tais conhecimentos e de incentivá-los a descobrir suas potencialidades.

Considerações finais:

Refletir sobre a prática pedagógica é algo que deveria ser comum aos professores, uma vez que se entende a importância de tal prática para o crescimento do mesmo e conseqüentemente para o avanço do aluno, pois permite perce-

ber quais as práticas que deram certo e as que também não tiveram êxito, impulsionando assim uma prática direcionada para as necessidades reais dos alunos. Partindo deste princípio o trabalho “Práticas de leitura e gêneros textuais nas aulas de Língua Inglesa: Tertúlia Dialógica”, oportunizou refletir e contemplar diferentes estratégias de leitura através dos gêneros textuais, garantindo ao educando não só aprender a Língua Inglesa, mas também aprender a empregar tais conhecimentos na vida. O uso dos gêneros discursivos nas aulas de Língua Inglesa contribuiu para confirmar a hipótese de que a formação leitora e escritora do aluno deve ser uma prática constante e não apenas nos limites de uma sala de aula, é preciso que sejam levados em conta alguns fatores como: incentivar a leitura em todos os espaços possíveis dentro e fora da escola, utilizando não apenas os gêneros acadêmicos, dessa forma dão significância para o aluno.

É evidente que uma metodologia que priorize o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores pode contribuir para a melhoria do ensino, não apenas nas disciplinas que exploram línguas, mas também todo processo de aprendizagem do aluno, uma vez que o discente se sente confiante e capaz para participar das aulas, argumentar e fazer suas próprias conclusões, isto é, ser um leitor crítico e autônomo.

Para despertar o gosto pela leitura de clássicos sugerimos a prática da Tertúlia Literária Dialógica que é uma atividade que possibilita a interação igualitária de todos os alunos e professores, por este motivo dedicamos um tópico de nosso trabalho apenas para essa prática, visto que é algo que faz parte de nossa rotina de sala de aula. Ao mesmo tempo salientamos que o professor de Língua Inglesa precisa sempre repensar a sua prática, se inovar, estamos em um mundo que todos os dias se modifica, inclusive os gêneros textuais de interesse dos alunos. Não fique preso ao livro didático,

seja dinâmico, existem várias formas de aprender uma língua, ofereça diversos caminhos para que o aluno mostre seu potencial, aprenda e seja desafiado.

Quanto a nós esperamos que esse trabalho seja de relevância para todos educadores independente da disciplina que leciona, e afim. Já que formar leitores e escritores autônomos, críticos e reflexivos é dever da escola, família e do governo. Portanto discutir, refletir e repensar os desafios de leitura e escrita são necessários para o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Referências

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena*. Resolução CNE/CP Nº 1 de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcpo1_02.pdf Acesso em: 2 de abr. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: do ensino fundamental: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAFIERO, Delaine. *Leitura como processo: caderno do professor* / Delaine Cafiero: - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 68 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento) ISBN: 85-99372-14-9. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/PNAIC%202017%202018/LEITURA-PROCESSO-prof.pdf> Acesso em: 14 set. 2018.

FLECHA, Ramón; MELLO, Roseli Rodrigues de. *Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias*. Presente! *Revista de educação*, Salvador, ano 2005, v. 13, n. 48, p. 29 - 33, 1 mar. 2005. Disponível em: <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/210/152d8c5158c8e403bd4efb9ef106f950.pdf>. Acesso em: 3 maio 2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: 3 artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROTTO, Vanessa Cristina. *Leitura dialógica: primeiras experiências com tertúlia literária dialógica com crianças em sala de aula*. 2011. 345 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/download/18869/11241/>. Acesso em: 21 mai. 2019

HOLDEN, Susan. *O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009. v.1. p.8.

JORDÃO, Clarissa Menezes. *O que todos sabem... ou não: letramento crítico e questionamento conceitual*. 2007, p. 43. Disponível em: https://www.academia.edu/1423126/O_que_todos_sabem..._ou_n%C3%A3o_letramento_cr%C3%ADtico_e_questionamento_conceitual?auto=download. Acesso em: 3 maio 2019.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Gêneros textuais. In: KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 101-122. ISBN 978-85-7244-327-2.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LÜCK, Heloisa. *Pedagogia interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. São

Paulo: Parábola, 2010. cap. Suportes teóricos e práticas de ensino, p. 19-38. ISBN 978-85-7934-021-5.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de produção textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 6-12. ISBN 978-85-88456-74-7.

MARIGO, Adriana Fernandes Coimbra *et al.* *Comunidades de aprendizagem: compartilhando experiências em algumas escolas brasileiras*. Políticas Educativas — PoEd, Porto Alegre, p.74-89. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PoEd/article/view/22723/13208>. Acesso em: 3 maio 2019.

PINTO, Abuândia Padilha. Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010. cap. Suportes teóricos e práticas de ensino, p. 51-62. ISBN 978-85-7934-021-5.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed. 1998.

[Recebido: 30 jun. 2020 — Aceito: 6 ago. 2020]